

1
2023

Cultura
artística

**ORQUESTRA SINFÔNICA
DE MONTREAL**

KENT NAGANO Regência

Eu li
que ler faz
os neurônios
se multiplicarem.

Li que
o homem
já é capaz
de viver sem
coração.

Li que
alguns políticos
não viviam sem
mesada.

Li sobre
empresários que
preferem ficar
mudos.

E li
sobre um
elefante
que fala.

Li que
frutos do mar
são a especialidade
da Escandinávia.

Li que
festa é a
especialidade de

Cuba.

Li que
nem tudo
é festa na
União Europeia.

Li que
a Receita terá
arrecadação
recorde.

Li que
o homem
mais rápido do
mundo atinge
44 km/h.

Por que você
acreditaria em
tudo isso?
[Porque eu li.](#)

**QUER
SABER MAIS?
ASSINE
ESTADÃO**

0800 014 9000
estadao.com.br/assine

O Ministério da Cultura e a Cultura Artística apresentam

**ORQUESTRA SINFÔNICA
DE MONTREAL**
KENT NAGANO Regência



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



Ministério da
Cultura





ORQUESTRA **SINFÔNICA**
DE MONTREAL



JEAN BOUTHEU

SAIBA MAIS

Construída com o apoio do governo da província de Quebec, a Maison Symphonique de Montréal é hoje a sede da OSM. Com projeto e tecnologia altamente especializados, a nova sala, inaugurada em 2011, pode abrigar até 2 300 espectadores, e seu palco é capaz de acomodar 120 músicos, além de um coral de até 200 vozes.

Desde a sua fundação, em 1934, a Orquestra Sinfônica de Montreal tem se destacado por sua posição de liderança entre os conjuntos sinfônicos não apenas do Canadá, mas também do disputado cenário internacional da música de concerto. Distinguem-na as extraordinárias qualidade e criatividade de suas interpretações, centenas de registros fonográficos e suas mais de 40 turnês pelo mundo todo.

Tamanha excelência alcançada em quase 80 anos de história se deve em boa parte à visão dos grandes regentes que tiveram o privilégio de comandá-la. Igor Markevitch, Zubin Mehta, Franz-Paul Decker, Rafael Frühbeck de Burgos e Charles Dutoit foram alguns de seus diretores musicais. Desde 2006, a orquestra é dirigida pelo renomado maestro norte-americano Kent Nagano.

Além das temporadas de concerto em sua nova sede, a Maison Symphonique de Montréal, o conjunto exhibe em seu invejável currículo nove turnês asiáticas, dez excursões por toda a Europa e duas passagens pela América do Sul. Sob a direção de Kent Nagano, o grupo realizou uma grande turnê pelo Canadá em 2007, além de ter excursionado por Japão e Coreia do Sul em 2008. O ano seguinte marcou a primeira turnê europeia da orquestra em mais de uma década, com atuações de enorme sucesso em doze cidades de seis países. Nos Estados Unidos, as visitas a Nova York foram praticamente anuais de 1982 a 2004, com concertos memoráveis para um Carnegie Hall lotado também

em 2008 e 2011. Neste último ano, a OSM fez ainda a primeira apresentação de sua história no conceituado Festival Internacional de Edimburgo.

Na presente temporada, 2012-2013, o vasto repertório da Orquestra Sinfônica de Montreal privilegiou a obra de mestres da literatura clássica como Mahler, Haydn e Bruckner — cuja *Sinfonia n.º 6* o grupo executou na semana passada, em duas apresentações em Montreal —, além de Stravinsky, Berlioz e Brahms, incluídos no programa que traz a orquestra a São Paulo. Na próxima semana, o conjunto retorna a sua sede no Canadá para três apresentações de *Jeanne d'Arc au bûcher*, oratório de Arthur Honegger com o qual a OSM encerra sua temporada.

A extensa discografia de mais de uma centena de títulos, parte dos quais lançados por selo próprio, rendeu-lhe até o momento um total de 49 prêmios da indústria fonográfica, somando-se as distinções canadenses às internacionais. Mas, à parte a celebrada atuação em importantes salas de concerto e nos estúdios de gravação, a Orquestra Sinfônica de Montreal contribui também para formar novas gerações de musicistas: ela abriga a OSM Standard Life Competition, prestigioso concurso musical canadense que premia jovens instrumentistas e que teve em 2012 sua 73ª edição. Além disso, a OSM participa do conceituado Montreal International Musical Competition, que tem ajudado a dar projeção mundial a novos e talentosos artistas da cena erudita contemporânea.

Kent George Nagano ocupa posição de relevo no universo mais do que restrito da regência há pelo menos três décadas. Reconhecido por sua clareza, elegância e inteligência interpretativa, esse maestro norte-americano de ascendência japonesa sente-se igualmente à vontade diante da produção musical clássica, romântica ou contemporânea, seja da literatura de concerto ou do grande repertório operístico. Não raro, uma partitura nova ou redescoberta, assim como surpreendentes leituras de obras consagradas, é o que Nagano oferece às grandes salas de concerto e ópera do mundo todo desde o início de sua carreira profissional, no final da década de 1970.

Na Califórnia, seu estado natal, Nagano foi convidado a ocupar o posto de diretor musical da Orquestra Sinfônica de Berkeley ainda em 1978. No início de sua vida profissional, trabalhou também como assistente de Seiji Ozawa na Orquestra Sinfônica de Boston. Em 1983, desempenhou importante papel na *première* mundial da única ópera composta por Messiaen, *São Francisco de Assis*. O sucesso nos Estados Unidos — Nagano seria também o primeiro diretor musical da Ópera de Los Angeles —, conduziu-o a postos importantes na Europa, onde o maestro dirigiu a Opéra National de Lyon (1988-1998) e a Hallé Orchestra de Manchester (1991-2001).

O cargo de diretor artístico da Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, da qual foi também regente principal, iniciou nova e importante fase em sua trajetória. Ao deixar o posto em 2006, Nagano foi apenas o segundo maestro em 60 anos

de história da orquestra alemã a ser nomeado regente honorário. Em setembro do mesmo ano, assumiu a direção musical geral da Ópera Estatal da Baviera, em Munique, e da Orquestra Sinfônica de Montreal.

Para a Bayerische Staatsoper, encomendou novas obras a compositores como Wolfgang Rihm, Unsuk Chin e Jörg Widmann, e promoveu novas montagens de óperas clássicas de Mozart (*Idomeneo*), Modest Mussorgsky (*Kovantchina*), Richard Strauss (*Ariadne em Naxos*), Wagner (*O anel dos nibelungos*) e Alban Berg (*Wozzeck*), entre outros. No Canadá, interpretou o ciclo completo das sinfonias de Beethoven e Mahler no comando da Orquestra Sinfônica de Montreal, além de ter promovido séries de concertos dedicadas às obras de Dutilleux (2010-2011) e Boulez (2011-2012).

No comando da OSM, Nagano gravou oito álbuns, nos quais figuram, dentre outras, obras de Mahler (*Das Lied von der Erde*) Rachmaninov (*Concerto para piano e orquestra nº 4*) e Beethoven, de quem registrou em estúdio concertos para piano e as sinfonias de número 3, 5, 6, 8 e 9, esta última gravada ao vivo durante os espetáculos que marcaram a inauguração da Maison Symphonique de Montréal.

Doutor *honoris causa* da McGill University e da Université de Montréal, Kent Nagano recebeu em 2008 a Ordem do Sol Nascente, a mais prestigiosa comenda outorgada a estrangeiros pelo governo japonês, e, em 2012, a Medalha de Honra da Assembleia Nacional da Província de Quebec.

A close-up, profile photograph of Kent Nagano, looking towards the right. He has long, dark hair and is wearing a dark suit jacket over a light blue button-down shirt. The background is a soft, out-of-focus brown.

KENT NAGANO

SAIBA MAIS

Como maestro convidado, Kent Nagano já regeu as filarmônicas de Viena, Berlim e Nova York, além da Sinfônica de Chicago, da Staatskapelle de Dresden e da Gewandhaus de Leipzig. Com a Opéra National de Lyon, a Orquestra Nacional Russa e a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, o maestro foi agraciado com três prêmios Grammy ao longo de sua vitoriosa carreira.

Cultura Artística

TEMPORADA 2013



PATROCINADORES MASTER



PATROCINADORES PLATINA



PROJETOS EDUCATIVOS

PATROCINADORES OURO



PATROCINADORES PRATA



PATROCINADORES BRONZE



REALIZAÇÃO



Ministério da Cultura



CULTURA ARTÍSTICA

Rua Nestor Pestana, 125, Cj. 12 01303-010 São Paulo SP Brasil
Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br



SERHIY **SALOV**
Piano

Saudado pela crítica especializada por sua precisão técnica e pela superior sensibilidade musical, o pianista ucraniano Serhiy Salov desponta como um dos grandes musicistas de sua geração. Depois de estreiar aos 11 anos de idade ao lado da Orquestra Nacional Ucraniana e de apresentar-se em seu primeiro recital um ano mais tarde, Salov realizou seus estudos de graduação na Escola Superior de Música de Freiburg, na Alemanha, e deu prosseguimento a sua formação em Londres, com um mestrado na conceituada Guildhall School of Music and Drama. Sob a batuta de regentes como Yannick Nézet-Séguin e Leonard Slatkin, Salov tem se apresentado com conjuntos sinfônicos do mais alto renome, como a Hallé Orchestra, a Orquestra Nacional da Rádio France e a Royal Philharmonic Orchestra. Seu mais recente CD, *The Sacred Spring of Slavs* (Analekta, 2010), contendo aclamado arranjo de *A sagração da primavera* para piano solo, foi muito bem recebido por público e crítica.

ANDREW **WAN**
Violino



Andrew Wan atua com a mesma desenvoltura como solista, camerista ou *spalla* da Orquestra Sinfônica de Montreal, posto para o qual foi nomeado em 2008. Sob a orientação de Ronald Copes e Masao Kawasaki, Wan graduou-se e obteve o grau de Mestre em Música na Juilliard School de Nova York. Como solista, costuma apresentar-se à frente de importantes orquestras sob o comando de regentes da estatura de Maxim Venguevov, Peter Oundjian ou Michael Stern. Carnegie Hall, Alice Tully Hall e Kennedy Center são algumas das salas nas quais Wan atua ao lado de *ensembles* e artistas como o Juilliard Quartet, o Sejong Soloists, o violoncelista Andrés Díaz e o violinista Cho-Liang Lin. Sua discografia inclui álbuns indicados ao Grammy e ao Prêmio Juno, em parcerias com James Ehnes e a Seattle Chamber Music Society, o Metropolis Ensemble e o New Orford String Quartet. Andrew Wan leciona violino na Schulich School of Music da McGill University de Montreal.



Tecnologia
afinada com o
**estado
da arte**

www.iochpe.com


IOCHPE-MAXION



ORQUESTRA SINFÔNICA DE MONTREAL

KENT **NAGANO** Regência

PRIMEIROS VIOLINOS

Richard Roberts *Spalla*
Andrew Wan *Spalla*
Olivier Thouin *Spalla associado*
Marianne Dugal *Segundo spalla associado*
Luis Grinhaus *Spalla assistente*
Ramsey Husser *Segundo spalla assistente*
Marc Béliveau
Marie Doré
Sophie Dugas
Xiao-Hong Fu
Marie Lacasse
Jean-Marc Leblanc
Ingrid Matthiessen
Myriam Pellerin
Susan Pulliam
Claire Segal

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexander Read *Principal*
Marie-André Chevette *Associada*
Brigitte Rolland *Primeira assistente*
Andrew Beer *Segundo assistente*
Ann Chow
Mary Ann Fujino
Johannes Jansonius
Jean-Marc Leclerc
Isabelle Lessard
Alison Mah-Poy
Katherine Palyga
Monique Poitras
Gratier Robitaille
Daniel Yakymyshyn

VIOLAS

Neal Gripp *Principal*
Jean Fortin *Primeiro assistente*
Charles Meinen *Segundo assistente*
Chantale Boivin
Rosemary Box
Lambert Jun-Yuan Chen
Anna-Belle Marcotte
Rémi Nakauchi Pelletier
David Quinn
Natalie Racine

VIOLONCELOS

Brian Manker *Principal*
Anna Burden *Associada*
Pierre Djokic *Primeiro assistente*
Gary Russell *Segundo assistente*
Karen Baskin
Li-Ke Chang
Sylvie Lambert
Gerald Morin
Sylvain Murray
Peter Parthun

CONTRABAIXOS

Ali Yazdanfar *Principal*
Brian Robinson *Associado*
Eric Chappell *Assistente*
Jacques Beaudoin
Scott Feltham
Lindsey Meagher
Peter Rosenfeld
Edouard Wingell

FLAUTAS

Timothy Hutchins *Principal*
Denis Bluteau *Associado*
Carolyn Christie *Segunda flauta*

FLAUTIM

Virginia Spicer

OBOÉS

Theodore Baskin *Principal*
Margaret Morse *Associada*
Alexa Zirbel *Segundo oboé*

CORNE INGLÊS

Pierre-Vincent Plante *Principal*

CLARINETES

Alain Desgagné *Associado*
Michael Dumouchel *Segundo clarinete e clarinete em mi bemol*

CLARONE E SAXOFONE

André Moisan

FAGOTES

Stéphane Lévesque *Principal*
Mathieu Harel *Associado*
Martin Mangrum *Segundo fagote*

CONTRAFAGOTE

Michael Sundell

TROMPAS

John Zirbel *Principal*
Denys Derome *Associado*
Catherine Turner
Jean Gaudreault

TROMPETES

Paul Merkelo *Principal*
Russell De Vuyst *Associado*
Jean-Luc Gagnon *Segundo trompeta*
Christopher P. Smith

TROMBONES

James Box *Principal*
Vivian Lee *Segundo trombone*

TROMBONE BAIXO

Pierre Beaudry *Principal*

TUBA

Austin Howle *Principal*

TÍMPANOS

Andrei Malashenko *Principal*

PERCUSSÃO

Serge Desgagnés *Principal*
Hugues Tremblay

HARPA

Jennifer Swartz *Principal*

PIANO E CELESTA

Olga Gross

BIBLIOTECA MUSICAL

Michel Léonard

DIRETOR MUSICAL

Kent Nagano

REGENTE RESIDENTE

Nathan Brock

REGENTES EMÉRITOS

Wilfrid Pelletier (1896-1982)
Zubin Mehta

GERENTE GERAL EMÉRITO

Pierre Béique (1910-2003)

Participam também desta turnê os seguintes musicistas:

Van Armenian, Katherine Manker, Viviane Roberge e Aaron Schwebel (violinos), Véronique Potvin, Bertrand Robin e Jasmine Schnarr (viololas), Yannick Chênevert (contrabaixo), John Milner (trompa), Andrew Dunn (trompeta), André Dufour, Andrew Dunsmore e John Wong (percussão).

Andrew Wan: violino Bergonzi (1744) generosamente cedido pelo filantropista David Sela. Marianne Dugal: violino Domenico Montagnana (1737), arco Sartory;
Olivier Thouin: violino Michele Deconet (1754); Brian Manker: violoncelo Pietro Guarneri (c. 1728-30) e arco François Peccate gentilmente cedidos por Canimex.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Presented by
Hydro
Québec

Ministério da
Cultura



Teatro Cultura Artística

Agradecemos a todos que têm contribuído, de diversas maneiras, para o esforço de construção do novo Teatro Cultura Artística.

PATROCINADORES



Bradesco



BNDES

CREDIT SUISSE



SEMP TOSHIBA

PRINCIPAIS DOADORES

(R\$ 5.000,00 ou mais)

Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Aggrego Consultores
Aíron Bobrow
Alexandre e Sílvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luís Fleury Matheiros
Ana Maria Levy Villela Igel
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Arnaldo Matheiros
Arsenio Negro Jr.
Aurora Bebidas e Alimentos Finos
Banco Pine
Banco Safra
Bicbanco
Bruno Alois Nowak
Calçados Casa Eurico
Camargo Correa
Camilla Telles Ferreira Santos
Carlos Nehring Netto
CCE
Center Norte
Cláudio e Rose Sonder
Cleômenes Mário Dias Baptista (*i.m.*)
Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Editora Pinsky Ltda.
Elias Victor Nigri
Elisa Wolynech
EMS
Erwin e Marie Kaufmann
Eurofarma
Fabio de Campos Lilla
Fanny Ribenboin Fix
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos Botelho Bracher
Festival de Salzburgo
Flávio e Sílvia Pinho de Almeida
Francisca Nelida Ostrowicz
Francisco H. de Abreu Maffei

Fundação Filantrópica Arymax
Gerard Loeb
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Heinz J. Gruber
Helga Verena Maffei
Henri Philippe Reichstul
Henri Slezynger
Henrique Meirelles
Idort/SP
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim de Alcântara Machado de Oliveira
Jorge Diamant
José Carlos e Lucila Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José Ephim Mindlin
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Katalin Borger
Lea Regina Caffaro Terra
Leo Madeiras
Livio De Vivo
Luís Stuhlberger
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Rodrigues Corvo
Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados
Mahle Metal Leve
Maria Adelaide Amaral
Mária Bonomi
Maria Helena de Albuquerque Lins
Marina Lafer
Mário Arthur Adler
Martha Diederichsen Sticker
Michael e Atina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Natura

Neli Aparecida de Faria
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oi Futuro
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart Indústria e Comércio
Paulo Bruna
Pedro Herz
Pedro Pullen Parente
Pinheiro Neto Advogados
Polierg Tubos e Conexões
Polimold Industrial S.A.
Porto Seguro
Raphael Pereira Crizanthon
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Richard Barczinski
Roberto Baumgart
Roberto Viegas Calvo
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Salim Tauffic Schahin
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Santander
São José Construções e Comércio (Constr. São José)
Sílvia Dias Alcântara Machado
Suzano
Tamas Makray
Theodoro Jorge Flank
Thomas Kunze
Thyrso Martins
Unigel
Ursula Baumgart
Vale
Vavy Pacheco Borges
Vitor Maiorino Netto
Vivian Abdalla Hannud
Volkswagen do Brasil Ind. de Veículos Automotores Ltda.
Wolfgang Knapp
Yara Baumgart
3 Doadores Anônimos

Gostaríamos de agradecer também as doações de mais de 200 empresas e indivíduos que contribuíram com até R\$ 5.000,00. Lamentamos não poder, por limitação de espaço, citá-los nominalmente.

REALIZAÇÃO

Cultura Artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

AMIGOS DA CULTURA ARTÍSTICA

Agradecemos a todos que contribuem para tornar realidade os espetáculos e projetos educativos promovidos pela Cultura Artística.

MANTENEDORES

Adélia e Cleômenes Dias Baptista (*i.m.*)
Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Sílvia Fix
Alfredo Rizkallah
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luís Fleury Malheiros
Ana Maria Igel e Mario Higino Leonel
Antonio Ailton Caseiro
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Baumgart Tadini
Bruno Alois Nowak
Carlos Eduardo Mori Peyser
Carlos Nehring Netto
Carmen Lídia Minidi Pedroso
Carmo e Jovelino Mineiro
Cássio Casseb Lima
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Cleide e Luiz Rodrigues Corvo
Cristian Baumgart Stroczyński
Cristina Baumgart
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Erwin e Marie Kaufmann
Fabio de Campos Lilla
Fernando Eckhardt Luzio
Francisco H. de Abreu Maffei
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Henri Philippe Reichstul
Henri Stezynger
Henrique e Michele Tichauer
Henrique Meirelles
Iosif Sancovsky
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jaíro Cupertino
Jayme Bobrow
Jean Claude Ramirez
Jorge Takla
José Carlos Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
José Thales S. Reboças
Kalil Cury Filho
Karin Baumgart Srougi
Lea Regina Caffaro Terra
Lina Saigh Maluf
Lucia Hauptman
Luís Stuhlberger
Marcia Igel Joppert

Marcos Baumgart Stroczyński
Maria Adelaide Amaral
Maria Bonomi
Maria Zilda Oliveira de Araújo
Mário Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Nelson Nery Jr.
Nelson Pereira dos Reis
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart
Paula e Hitoshi Castro
Paulo Bruna
Pedro Barros Barreto Fernandes
Pedro Herz
Pedro Stern
Regina e Gerald Reiss
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto Baumgart
Roberto Viegas Calvo
Rosa Maria de Andrade Nery
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Ruy Souza e Silva
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Sandra Arruda Grostein
Sílvia e Fernando Carramaschi
Tamas Makray
Thomas Kunze
Ursula Baumgart
Vivian Abdalla Hannud
Wolfgang Knapp
7 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram e Clarice Topczewski
Alberto Emmanuel C. Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Álvaro Oscar Campana
Ana Elisa e Eugenio Staub Filho
Ana Maria Malik
André Guyvarch
Andrea Sandro Calabi
Antonio Carlos Malaghini
Antonio Kanji Hoshikawa
Arnaldo Malheiros
Arnoldo Wald
Augusto Livio Malzoni
Calçados Casa Eurico
Carlo Zuffellato
Carlos Chagas Rodrigues
Carlos P. Rauscher
Cássio Augusto Macedo da Silva
Claudia Annunziata G. Musto
Claudia Helena Plass
Claudia Proushan

Claudio Alberto Cury
Claudio Antonio Mesquita Pereira
Claudio e Selma Cernea
Consuelo de Castro Pena
Dario e Regina Guarita
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elisa Wolynec
Eric Alexander Klug
Fábio Konder Comparato
Fany e Alberto Levy
Fernando K. Lottenberg
Francisco J. de Oliveira Jr.
Francisco Montano Filho
Galícia Empreend. e Participações Ltda.
Giancarlo Gasperini
Gustavo Henrique Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Heloisa e José Eduardo Martins
Henrique B. Larroudé
Horácio Mario Kleinman
Irene Kantor
Isaac Popoutchi
Issei e Marcia Abe
Izabel Sobral
Jayme e Tatiana Serebrenic
Jayme Vargas da Silva
Jeanete e Bruno Musatti
João Baptista Raimo Jr.
Jorge José Proushan
José Adolfo Pascowitch
José Carlos Dias
José e Priscila Goldenberg
José Francisco Kerr Saraiva
José Paulo de Castro Emsenhuber
José Theophilo Ramos Jr.
Júlia Menezes Profeta
Junia Borges Botelho
Karen Lisboa e Claudio Struck
Katalin Borger
Kristina Arnhold
Leo Kupfer
Lília Katri Moritz Schwarcz
Livio De Vivo
Lourenço Augusto de Meireles Reis
Luci Banks Leite
Lúcia e Nemer Rahal
Luiz Augusto de Queiroz Ablas
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Luiz Schwarcz
Malú Pereira de Almeida
Marcello D. Bronstein
Marcelo de O. M. Diniz Junqueira
Marco Tullio Bottino
Marcos de Mattos Pimenta
Maria Helena Peres Oliveira

Maria Joaquina Marques Dias
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Marilene Melo
Mario Roberto Rizkallah
Marta D. Grostein
Michael Haradom
Miguel Paulo Salomão Jardini
Natan e Irene Berger
Nélio Garcia de Barros
Nelson Vieira Barreira
Olavo Setúbal Jr.
Oscar Lafer
Paula Proushan
Paulo Cezar Aragão
Paulo Proushan
Paulo Roberto Pereira da Costa
Pedro Spyridion Yannoulis
Percival Lafer
Polia Lerner Hamburger
Raul Correa da Silva
Regina Weinberg
Renata e Sergio Simon
Renato Polizzi
Ricardo Bohn Gonçalves
Rubens Halaban
Sergio Gonçalves de Almeida
Sílvia Dias Alcântara Machado
Suzana Pasternak
Thomas Frank Tichauer
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vavy Pacheco Borges
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (*i.m.*)
14 Amigos Anônimos

JOVENS AMIGOS

Antonio Cardoso
Carmen Guarini
Celia Prado
Daniela e Frederico Carramaschi
Eduardo Rivetti
Eliana R. Marques Zlochevsky
Eugenio Suffredini Neto
Israel Sancovski
Lucila Pires Evangelista
Maria Francisca Sachs
Mauro André Mendes Finatti
Mity Hori Kato
Ricardo A. E. Mendonça
Ricardo Di Rienzo
Rodrigo O. Broglia Mendes
Rogério Woisky
Sergio Luiz Macera
6 Jovens Amigos Anônimos

ORQUESTRA **SINFÔNICA
DE MONTREAL**

KENT **NAGANO** Regência

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo, 23 de abril, terça-feira, 21h

RICHARD WAGNER (1813-1883)

Tannhäuser (versão parisiense)

c. 21'

Abertura

Música de Venusberg

FRANZ LISZT (1811-1886)

Concerto para piano e orquestra nº 2, em lá maior, S.125

c. 20'

Adagio sostenuto assai. Allegro agitato assai.

Allegro moderato. Allegro deciso.

Marziale un poco meno allegro. Allegro animato

Piano: **Serhiy Salov**

Intervalo

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)

Sinfonia nº 4, em mi menor, opus 98

c. 39'

Allegro non troppo

Andante moderato

Allegro giocoso

Allegro energico e passionato

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo, 24 de abril, quarta-feira, 21h

HECTOR BERLIOZ (1803-1869)

Le corsaire c. 9'

MAURICE RAVEL (1875-1937)

Tzigane c. 10'

Violino: **Andrew Wan**

IGOR STRAVINSKY (1882-1971)

O pássaro de fogo (suíte, 1919) c. 23'

Intervalo

NIKOLAI RIMSKY-KORSAKOV (1844-1908)

Sheherazade, opus 35 c. 42'

O mar e o navio de Simbad
O conto do príncipe Kalendar
O jovem príncipe e a jovem princesa
Festa em Bagdá

Próximos Concertos — Sala São Paulo, 21h

YO-YO MA Violoncelo
KATHRYN STOTT Piano

Série Branca, 6 de maio, segunda-feira
Série Azul, 7 de maio, terça-feira

STRAVINSKY Suíte italiana
VILLA-LOBOS Alma brasileira
PIAZZOLLA Oblivion
GUARNIERI Dança negra
DE FALLA Canções populares espanholas
MESSIAEN Louange à l'éternité de Jésus
BRAHMS Sonata para violino nº 3

Ingressos à venda.

ORQUESTRA DE CÂMARA FRANZ LISZT
EMMANUEL PAHUD Flauta

Série Branca, 23 de maio, quinta-feira
Série Azul, 24 de maio, sexta-feira

J. S. BACH Concerto de Brandemburgo nº 3
VIVALDI Concerto para flauta ("La tempesta di mare")
PURCELL Abdelazer (suíte)
FREDERICO, O GRANDE Concerto para flauta nº 1
FRANK MARTIN Balada nº 1 para flauta, cordas e piano
MOZART Divertimento, KV.138
G. S. MERCADANTE Concerto para flauta nº 2

Ingressos à venda a partir de 25 de abril.

Os concertos serão precedidos de palestra de Irineu Franco Perpetuo, às 20h, no auditório do primeiro andar da Sala São Paulo.

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2013 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

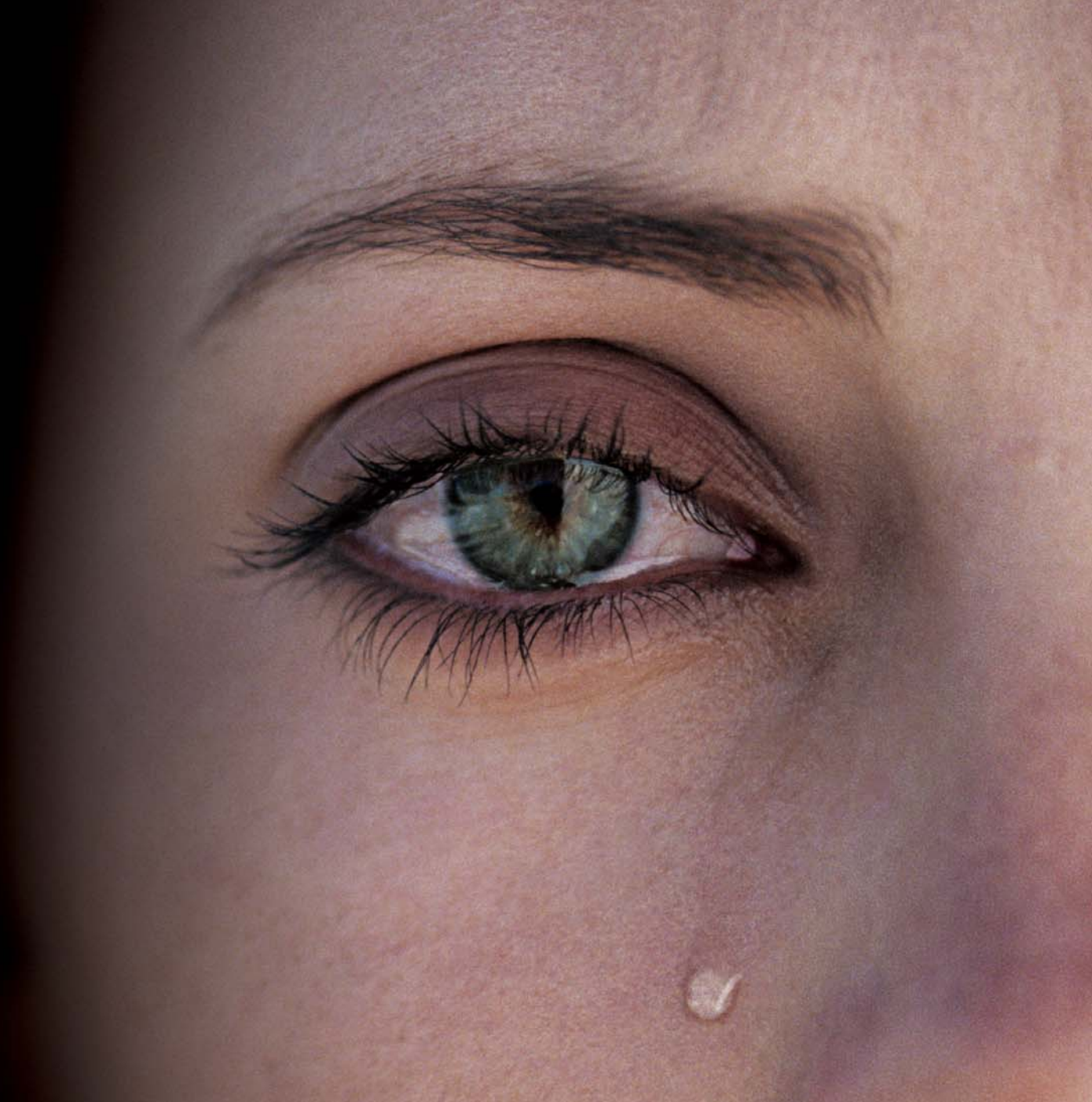
Programação sujeita a alterações.

4003 1212 | **ingresso rápido**
ingressorapido.com.br
Sujeito a taxa de conveniência

Siga a Cultura Artística nas redes sociais

 facebook.com/culturartistica

 twitter.com/culturartistica



**Esta umidade a Vedacit
aplaude de pé.**

VEDACIT[®]
IMPERMEABILIZANTES



O CONCERTO DESTA NOITE

Irineu Franco Perpetuo



RICHARD WAGNER (1813-1883)

Tannhäuser: Abertura e Música de Venusberg

O ano de 2013 marca o bicentenário de nascimento de Richard Wagner, figura central da história da música, cuja influência, transcendendo seu campo de atuação — a ópera —, transbordou para além de seu tempo.

Diferentemente da prática do século XIX, Wagner escrevia os libretos de suas próprias óperas e, sintonizado com os gostos literários do Romantismo, buscava inspiração em temas medievais. Estreada em Dresden, em 1845, quando Wagner era *Kapellmeister* (diretor musical) da corte do rei da Saxônia, *Tannhäuser* conta a história de um trovador do século XIII dividido entre os prazeres sensuais compartilhados com Vênus (em seu monte, Venusberg) e o amor “puro” por Elisabeth, cuja mão ele pretende conquistar em um concurso de canto. A abertura da ópera, a quinta do compositor, reflete essa dicotomia na medida em que opõe o tema dos peregrinos a caminho de Roma à música “libidinosa” da deusa pagã do amor.

A prosperidade que Wagner conheceu em Dresden teve fim em 1849, quando, ao lado do líder anarquista russo Mikhail Bakunin, ele se envolveu na malograda revolução constitucionalista que se alastrou pelos diversos reinos em que a Alemanha então se dividia. Banido do solo germânico, o compositor deu início a um longo périplo pela Europa, em uma sôfrega busca por êxito na qual os fins pareciam justificar todos os meios.

Em 1860-61, Wagner tentou tomar Paris de assalto, tendo *Tannhäuser* como carro-chefe da investida. Óperas na capital francesa exigiam uma sequência de bailado e, para cumprir a demanda, Wagner compôs aquela que ficou conhecida como “Música de Venusberg”, a ser executada logo depois da “Abertura”. Nos dezesseis anos que se passaram entre a

estreia da obra e sua reapresentação francesa, o compositor já havia escrito *Tristão e Isolada*, e as ousadas harmônicas dessa partitura ecoam no novo trecho de *Tannhäuser*, em que o erotismo do monte de Vênus é a senha para uma música excitada e excitante.

Wagner fracassou em Paris, mas ganhou pelo menos um adepto ilustre: o poeta Charles Baudelaire (1821-1867), que, indignado com a recepção de seus conterrâneos à obra do compositor alemão, chamou-a de “o maior prazer musical que já experimentei” e escreveu um entusiasmado ensaio em defesa de *Tannhäuser* e de seu autor.

FRANZ LISZT (1811-1886)

Concerto para piano e orquestra nº 2

Furacão musical que conquistou a Europa com seu virtuosismo arrebatado e arrebatador, o húngaro Franz Liszt deixou o mundo musical estarrecido em 1847, quando, no auge da forma, resolveu trocar a carreira triunfante de pianista consagrado para se radicar na cidade alemã de Weimar, onde, como regente, se tornou defensor aguerrido das vanguardas estéticas de seu tempo, representadas por nomes como Berlioz e Wagner (que era um exilado político quando Liszt fez estreiar ali seu *Lohengrin*, em 1850).

Liszt revolucionou praticamente todos os aspectos relacionados a seu instrumento, o piano — da técnica ao ritual de performance, passando pelos métodos de aprendizado. Em *A geração romântica*, o crítico norte-americano Charles Rosen declara que “a sensibilidade sonora de Liszt foi maior que a de qualquer outro compositor de teclado entre Scarlatti e Debussy, e ele os superou em audácia”. Embora tenham sido esboçados no período das frenéticas turnês europeias, os dois concertos para piano do compositor só foram finalizados em Weimar. Assim, a escrita extremamente virtuosística para o teclado não está destinada meramente a

MAKSOU  **PLAZA**

Um Marco de Hospitalidade e Elegância



Maksoud Plaza **Hospitalidade, Elegância e Serviço Impecável!**

APARTAMENTOS E SUÍTES | CENTRO GASTRONÔMICO 24 HORAS | 5.000 m² DE ESPAÇOS PARA EVENTOS



Alameda Campinas, 150 - São Paulo - Brasil | Tel.: 11 3145-8000 | Toll Free: 0800.13.44.11
www.maksoud.com.br



chamar a atenção para as habilidades do solista, e sim integrada à estrutura musical da obra. A orquestra não devia simplesmente acompanhar o piano, mas interagir com ele.

A ideia de interação era tão forte que Liszt chegou a pensar em chamar sua peça de *Concerto symphonique* (concerto sinfônico), título que tomou emprestado das obras análogas do pianista e compositor britânico Henry Litolff (1818-1891). Estruturalmente, mais do que Litolff, a inspiração aqui parece ser o vienense Franz Schubert (1797-1828), e em particular sua fantasia *Wanderer* para piano solo (que Liszt não apenas apreciava, como tocava em público), cujos movimentos integram-se em um todo único e contínuo.

Assim, como em sua célebre *Sonata para piano em si menor*, Liszt emprega no *Concerto para piano e orquestra nº 2* um discurso musical ininterrupto, cujas partes se sucedem sem pausas, encadeando as metamorfoses de diversos temas. Estreada em Weimar em 1857, com seu aluno Hans von Bronsart ao teclado e regência do próprio compositor, a obra sofreu diversas revisões por parte de Liszt, adquirindo sua forma final em 1861.

JOHANNES BRAHMS (1833-1897)

Sinfonia nº 4

“As quatro sinfonias de Brahms têm desfrutado de lugar mais ou menos regular no repertório central da música clássica, desde o momento em que o compositor finalizou a última delas, em 1885. Embora representem produção relativamente pequena, se comparada a sua vasta obra camerística, as sinfonias de Brahms conquistaram posição de destaque nas salas de concerto; um desafio às orquestras, tanto em equilíbrio quanto na qualidade exigida dos instrumentistas em todos os departamentos, elas ainda representam uma medida pela qual o mais alto padrão orquestral é julgado”, escreve Kofi Agawu em longo ensaio sobre a produção sinfônica de Brahms.

E acrescenta: “Talvez mais do que quaisquer outras obras sinfônicas às quais possam ser comparadas no século XIX, elas incorporam uma série de asserções musicais, gestos ou

‘afirmações’ que abrem diferentes interpretações estruturais e relações de ideias. Para alguns ouvintes, o campo de apreensão dessas características constitui-se do exterior clássico e do terreno seguro da tradição musical austro-germânica, que confere a essas obras seu apelo emocional, espiritual e intelectual único; outros citarão a criatividade com a qual Brahms enfrentou o desafio da composição sinfônica depois de Beethoven, um desafio inseparável daquele da composição sinfônica no tempo de Liszt e Wagner. As contradições e paradoxos estéticos inerentes às soluções encontradas são parte essencial do apelo das obras”.

Se, no panorama do Romantismo germânico do século XIX, Liszt e Wagner costumam ser situados no campo da “música do futuro”, Brahms habitualmente se alinha ao lado oposto, ao dos “formalistas” que recusavam a “música de programa” advogada por Liszt e seguiam compondo “música pura”, dentro das formas herdadas do Classicismo e reconfiguradas por Beethoven. A sombra do autor da Nona Sinfonia se projetava sobre a música de um Brahms sempre perfeccionista e exigente consigo próprio, um compositor que, de tão oprimido pelo legado sinfônico beethoveniano, só se permitiu estrear no gênero aos 43 anos de idade, em 1876.

Quebrado o encanto, vieram mais três sinfonias. A derradeira, a Sinfonia nº 4, foi concebida durante dois verões que o compositor passou em Müzzuschlag (1884 e 1885), um vilarejo austríaco circundado de montanhas na Estíria, oitenta e cinco quilômetros a sudeste de Viena. Não há nada de idílico ou pastoral na obra, contudo. Em carta ao amigo Hans von Bülow (regente e pianista devotado à causa do compositor), ele afirmava que a sinfonia na qual estava trabalhando tinha o gosto “do clima daqui; aqui, as cerejas não são doces — não dá para comer!”. Embora apreciasse a autoironia, Brahms não pretendeu dizer com isso que sua nova obra fosse “intragável”, mas talvez se referisse justamente ao aspecto austero da Quarta. O *Grove* se refere a ela como o apogeu da escrita sinfônica do compositor, especialmente devido a seu final, “na forma de uma *passacaglia* com um tema sintético de oito compassos e trinta variações” que, na opinião do famoso dicionário, é “a tentativa mais extrema do compositor de sintetizar as práticas histórica e moderna”.



MACHADO MEYER

MACHADO MEYER SENDACZ OPICE ADVOGADOS

OAB/SP N. 485

QUATRO DÉCADAS DE CONQUISTAS:
OPORTUNIDADE PARA RENOVAR
NOSSO COMPROMISSO DE BEM
SERVIR OS CLIENTES PELOS
PRÓXIMOS 40 ANOS.

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO BRASÍLIA PORTO ALEGRE BELO HORIZONTE NEW YORK

HECTOR BERLIOZ (1803-1869)

Le corsaire

No século XIX, considerava-se a literatura do domínio francês (pensemos em Stendhal, Balzac, Flaubert e Victor Hugo, para não ir muito longe), enquanto a música era campo germânico. Berlioz, nesse sentido, vai contra a corrente: um músico de origem francesa que se torna figura de proa das vanguardas do século.

Enquanto Paganini arrebatava o continente ao violino e Liszt ao piano, Berlioz não dominava instrumento algum. Ou melhor: seu instrumento era a orquestra, cujas cores e possibilidades ele manejava com virtuosismo inaudito. Regente, crítico e compositor, Berlioz desempenhou papel fundamental na ampliação da linguagem orquestral que ocorre durante o Romantismo, escrevendo um tratado teórico sobre o tema que até hoje é considerado obra de referência.

Seguindo o exemplo de Beethoven e Mendelssohn, o autor da *Sinfonia fantástica* escreveu diversas aberturas que, em vez de servir como introdução a uma ópera, bailado ou apresentação teatral, funcionam como peças orquestrais autônomas. Entusiasta da “música de programa”, deu a várias delas títulos que sugeriam aquilo que a partitura deveria descrever.

Le corsaire, abertura escrita no aprazível balneário de Nice, na Côte d’Azur, no verão de 1844, mostra como, às vezes, em lugar de se deixar inspirar por seus “programas” extramusicais, Berlioz parecia chegar ao título de uma obra depois de havê-la composto. Sim, pois essa abertura estreou em 1845 com o nome de *La tour de Nice* (A torre de Nice); depois, foi rebatizada de *Le corsaire rouge*, alusão ao romance *O corsário vermelho* do escritor norte-americano James Fenimore Cooper (1789-1851); e, por fim, virou simplesmente *Le corsaire* (O corsário), em referência ao poema homônimo escrito por Lord Byron em 1814 — uma manobra artilosa, se considerada a popularidade à época de Byron e de seu poema, que teria vendido dez mil cópias apenas no primeiro dia de circulação.

Oscilações à parte, a abertura se destaca de suas coirmãs por ser aquela em que “Berlioz resolveu melhor o problema de integrar as se-

ções lenta e rápida”, de acordo com o musicólogo inglês Hugh Macdonald, que ressalta ainda o caráter “compulsivo” de sua orquestração.

MAURICE RAVEL (1875-1937)

Tzigane

Em *Música da modernidade*, J. Jota de Moraes afirmava que a arte de Ravel “revela a marca de uma personalidade perfeccionista, que sobretudo amava a ordem e a simetria”, e que o compositor, “no fundo, sempre foi um neoclássico, um artista que, usando recursos modernos, escreveu baseando-se nas formas do passado”.

No caso específico da *Tzigane*, o passado que Ravel parece se referir não é a ordem ou a simetria do Classicismo do século XVIII, e sim as grandes obras virtuosísticas do Romantismo do século XIX. A obra já começa com uma grande *cadenza* para o violino, explorando em seguida diversos recursos de alto grau de dificuldade na escrita para o instrumento — inclusive recursos retóricos “ciganos” que fazem jus ao título da peça.

Nada mais justo do que fazer referência a essa tradição, já que a *Tzigane* foi dedicada à violinista húngara Jelly d’Arányi (1893-1966), sobrinha-neta de um dos maiores virtuosos do violino do século XIX, Joseph Joachim (1831-1907). Ravel aparentemente teve a ideia da obra em Londres, ao ouvir d’Arányi (que tinha executado sua *Sonata para violino e violoncelo*) interpretar, a seu pedido, algumas melodias ciganas.

Em versão original para violino e piano *luthéal* (um piano com registros extras, capaz de produzir sonoridades equivalentes à do zimbão húngaro), a *Tzigane* estreou em abril de 1924. Ravel imediatamente orquestrou a parte de piano, cuja primeira audição ocorreu em outubro do mesmo ano.

IGOR STRAVINSKY (1882-1971)

O pássaro de fogo

Igor Stravinsky era um promissor discípulo de Rimsky-Korsakov, um dos líderes da música nacionalista russa do século XIX, quando

SUA MELHOR ESCOLHA

- ▶ Uma das Big 5
- ▶ Líder no middle market
- ▶ Mais de 15 escritórios no Brasil
- ▶ Audit | Tax | Advisory



www.facebook.com/bdobrazil



www.twitter.com/bdobrazil



www.bdobrazil.com.br



foi descoberto pelo agitador cultural Serguei Diaghilev (1872-1929), que, com a ambição de difundir a cultura de seu país fora das fronteiras da Rússia, fundou, em Paris, em 1909, os Ballets Russes. Com um talento infalível para aglutinar criadores de todas as áreas, Diaghilev arregimentou nomes como Picasso, Miró, Matisse, Braque, De Chirico e Chanel, que fizeram de sua companhia uma das mais fervilhantes usinas de criação artística da época. Se, na dança, os Ballets Russes lançaram grifes como Nijinski, Fokine, Balanchine, Massine e Lifar, na música foram o veículo perfeito para o jovem Stravinsky, cujo cartão de entrada na cena internacional foi o balé *O pássaro de fogo*.

Para a empreitada, Diaghilev aparentemente teria preferido compositores de maior renome à época, como Anatoly Liadov (1855-1914) ou Nikolai Tcherepnin (1873-1945). Mas foi a Stravinsky que o empresário acabou recorrendo para a primeira produção dos Ballets Russes, com música escrita especialmente para a companhia.

Coube a Fokine fazer a coreografia do bailado, que conta a história da descida do príncipe Ivan ao reino encantado de Koschei (ou Kaschei), o Imortal, que mantém uma princesa em seu cativeiro. Com a ajuda do pássaro de fogo, Ivan derrota Koschei e se casa com a princesa.

Richard Taruskin nota que, seguindo as convenções das óperas “mágicas” de Glinka e Korsakov, Stravinsky emprega canções folclóricas para suas personagens humanas (Ivan e a princesa) e música “exótica” para as criaturas sobrenaturais, “recorrendo a escalas artificiais de tons inteiros ou alternando tons e semitons para retratar o pássaro de fogo e Koschei, avatares, respectivamente, das magias boa e má”. O êxito avassalador da obra abriria caminho para novas colaborações entre Diaghilev e Stravinsky, como *Petruchka* e *A sagração da primavera*.

Depois da estreia do balé, em 1910, o compositor russo criou ainda três suítes, contendo trechos de sua música para execução nas salas de concerto: em 1911, 1919 e 1945.

NIKOLAI RIMSKY-KORSAKOV (1844-1908) **Sheherazade**

Em *O pássaro de fogo*, é possível notar a influência em Stravinsky da obra de seu professor, Rimsky-Korsakov. Membro do Grupo dos Cinco (círculo de compositores que ditaram os rumos da música nacionalista russa no século XIX) e oficial da Marinha Imperial Russa, Korsakov foi importante não só como criador, mas também como pedagogo e divulgador da música de seu país. Bastante encenadas na Rússia, suas quinze óperas têm difusão escassa no exterior, onde, contudo, o talento de Korsakov como orquestrador é bastante reconhecido.

Foi no inverno de 1887, quando trabalhava na conclusão da ópera *Príncipe Igor* — obra que seu amigo Borodin falecera sem conseguir concluir —, que Korsakov teve a ideia de escrever uma suíte sinfônica inspirada em episódios de *As mil e uma noites*. (Nota-se aí, aliás, a influência da “música de programa” de Berlioz, que chegou a visitar a Rússia.) A intenção original era dar a cada um dos movimentos os títulos de “prelúdio”, “balada”, “adágio” e “finale”; mas, por conselho do compositor Anatoly Liadov, as partes da obra acabaram sendo batizadas com denominações descritivas.

Após ter sido traído por uma mulher, o sultão Sharyar decidiu vingar-se de todas as outras: casava-se com uma mulher a cada noite e, na manhã seguinte, mandava executá-la. Isso até conhecer Sheherazade, que divisou o seguinte plano: contaria uma história envolvente ao sultão a cada noite, instigando sua curiosidade pela sequência, que só seria revelada na noite seguinte. O plano funciona e, após três filhos e mil e uma noites, Sheherazade é salva por sua astúcia e reconhecida pelo sultão.

Também na suíte sinfônica de Korsakov, Sheherazade é quem conta a história. O sultão é representado por uma pesada melodia de metais, enquanto a protagonista se reveste de um sedutor violino solo. Nos quatro movimentos da obra, as combinações entre madeiras, metais, cordas e percussão mesclam arabescos orientalizantes à linguagem evocativa e sensorial do compositor russo.

PINHEIRO NETO

ADVOGADOS



Acidentes do Trabalho e
Doenças Ocupacionais
Administrativo e Contratos Públicos
Aeronáutico
Agronegócio
Águas e Saneamento
Ambiental
Arbitragem e Mediação
Bancário, Financeiro e Cambial
Comércio Internacional e
Direito Aduaneiro
Concorrência
Construção
Constitucional
Contencioso Civil e Comercial
Derivativos

Eleitoral
Energia
Entretenimento e Lazer
Esportes
Família e Sucessões
Fusões e Aquisições
Imigração
Imobiliário
Infraestrutura
Internet e Tecnologia da Informação
Life Sciences
Marítimo
Mercado de Capitais
Mineração
Mudança do Clima e Sustentabilidade

Operações Estruturadas
Penal e Processual Penal
Petróleo e Gás
Previdenciário
Private Equity
Project Finance
Propriedade Intelectual
Recuperação de Empresas e Falências
Relações de Consumo
Relações Institucionais e Governamentais
Seguros e Resseguros
Societário
Telecomunicações
Trabalhista
Tributário

São Paulo

R. Hungria, 1.100
01455-906
São Paulo . SP
t. +55 (11) 3247 8400
f. +55 (11) 3247 8600
Brasil

Rio de Janeiro

R. Humaitá, 275 . 16º andar
22261-005
Rio de Janeiro . RJ
t. +55 (21) 2506 1600
f. +55 (21) 2506 1660
Brasil

Brasília

SAFS . Quadra 2 . Bloco B
Ed. Via Office . 3º andar
70070-600 . Brasília . DF
t. +55 (61) 3312 9400
f. +55 (61) 3312 9444
Brasil

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

DIRETORIA

Presidente
Pedro Herz

Diretores
Cláudio Sonder
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Gioconda Bordon
Patrícia Moraes
Fernando Carramaschi
Luiz Fernando Faria
Marcelo Levy
Ricardo Becker

Superintendente
Frederico Lohmann

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Cláudio Sonder
Vice-Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita
Conselho
Milú Viltela
Aluizio Rebello de Araújo
Antônio Ermírio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Marcelo Kayath
Pedro Herz
Plínio José Marafon

CONSELHO CONSULTIVO

Affonso Celso Pastore
Alfredo Rizkallah
Hermann Wever
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Salim Taufic Schahin
Thomas Michael Lanz

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — OSESP

Regente Titular (2012-2016)
Marin Alsop

Regente Associado (2012-2016)
Celso Antunes

Regente Convidado de Honra (2012-2013)
Yan Pascal Tortelier

Diretor Artístico
Arthur Nestrovski

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Organização Social de Cultura

Presidente do Conselho de Administração
Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Pedro Moreira Salles

Diretor Executivo
Marcelo Lopes

Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Marketing
Carlos Harasawa Diretor
Mauren Stieven

Departamento de Operações
Mônica Cássia Ferreira Gerente
Ângela Sardinha
Fabiane de Oliveira Araújo
Guilherme Vieira
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro

Apoio a Eventos
Felipe Lapa

Departamento Técnico
Ronald Góes Gerente
Ednilson de Campos Pinto
Sérgio Cattini
Melissa Limnios

Acústica
Cassio Mendes Antas

Iluminação
Carlos Eduardo Soares da Silva

Sonorização
Fabio Tsuneo Sena Santos Miyahara

Montagem
João André Blásio

Controlador de Acesso
Sandro Marcello Sampaio de Miranda Encarregado

Indicadora
Sabrine Ferreira Encarregada



REALIZAÇÃO

Cultura Artística

2013

23 e 24 de abril

ORQUESTRA SINFÔNICA DE MONTREAL

KENT NAGANO Regência

6 e 7 de maio

YO-YO MA Violoncelo

KATHRYN STOTT Piano

23 e 24 de maio

ORQUESTRA DE CÂMARA FRANZ LISZT

EMMANUEL PAHUD Flauta

2 e 5 de junho

QUARTETO BORODIN

24 e 25 de junho

ORQUESTRA REAL DO CONCERTGEBOUW

MARISS JANSONS Regência

DENIS MATSUEV Piano

29 e 31 de julho

PIOTR ANDERSZEWSKI Piano

31 de agosto e 1 de setembro

JOSHUA BELL Violino

18 e 21 de setembro

GABRIELA MONTERO Piano

19 e 20 de outubro

ORQUESTRA SINFÔNICA FINLANDESA DE LAHTI

OKKO KAMU Regência

2 e 6 de novembro

COMBATTIMENTO CONSORT AMSTERDAM

QUIRINE VIERSSEN Violoncelo

Datas e programação sujeitas a alterações.

Assessoria de imprensa GABINETE DE COMUNICAÇÃO

Fotos da capa: EALOVEGA e DOMINIQUE LAFOND

Edição eletrônica LUDOVICO

Projeto gráfico PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA

Edição SÉRGIO TELLAROLI

Supervisão geral THAISSA LAMHA

BLOCO DE NOTAS

Gioconda Bordon

gioconda@culturaartistica.com.br



2013: INÍCIO DE UM NOVO TEMPO

É sempre um momento muito alegre a abertura de uma nova temporada, uma noite cheia de expectativas, não apenas por ser nosso primeiro encontro do ano, mas também pelo que ela antecipa de todos os outros que virão no decorrer de 2013.

Hoje, além da alegria do reencontro, temos algo muito importante para compartilhar com vocês: boas notícias sobre o andamento do projeto de renovação do nosso teatro. Em 29 de setembro de 2012, a Prefeitura Municipal de São Paulo reinaugurou a Praça Roosevelt. A remodelação da praça resultou na readequação viária de seu entorno e na demolição de imóveis contíguos ao Teatro Cultura Artística, o que possibilitou ao teatro uma abertura para a Praça Roosevelt. O novo espaço urbano levou o escritório Paulo Bruna Arquitetos Associados a fazer algumas adaptações ao projeto original de renovação do Cultura Artística, visando a explorar as potencialidades criadas pela revitalização da praça. A espera valeu a pena, o teatro ficou ainda melhor: ganhou um palco maior e com mais recursos, *foyers* mais amplos, que possibilitarão a convivência e a circulação do público de uma maneira muito mais agradável e aberta, e uma sala menor, toda de vidro, apta a múltiplas funções.

Nesse processo de adaptação do teatro a seu entorno renovado, novos parceiros deram importante contribuição, como a *Theatre Projects Consultants*, empresa anglo-

-americana responsável por inúmeras salas de concerto, ópera e dança no mundo todo. O grupo brasileiro *Acústica & Sônica* e a empresa americana *Akustiks* também se juntaram ao incrível time de profissionais reunidos para nos oferecer um teatro confortável, moderno e acusticamente perfeito. Na sala principal, teremos capacidade para acomodar 1 200 pessoas. Na sala menor, serão 250 lugares, mas seus assentos removíveis permitirão adaptar o espaço para que ele possa acomodar eventos diversos: espetáculos experimentais, instalações, recepções, recitais ou encontros musicais de caráter mais intimista.

Enfim, agora é tempo de mãos à obra. A Prefeitura deve concluir o processo de aprovação das plantas nos próximos meses, e as fundações de nosso teatro renovado deverão ser lançadas ainda este ano.

Temos um longo trabalho pela frente, sem dúvida um trabalho longo e excitante. Seria arriscado neste momento falarmos em uma data de abertura do Teatro Cultura Artística, mas nosso cronograma prevê um prazo de cerca de 40 meses para sua conclusão, tão logo a Prefeitura Municipal de São Paulo autorize o início das obras. Contamos, mais uma vez, com a colaboração de todos vocês, patrocinadores, mantenedores, amigos e assinantes da Cultura Artística. Em 2013 começa para nós um novo tempo.

Bom concerto a todos!

Apoiar a cultura também faz parte da tradição do Safra.



O Banco Safra tem contribuído para o resgate, preservação e divulgação da cultura no país. Ao longo dos anos, vem apoiando projetos e manifestações artísticas, valorizando a riqueza e a diversidade cultural do povo brasileiro.



Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234 - Atendimento personalizado de 2ª a 6ª feira das 9h00 às 19h00, exceto feriados. Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais Auditiva e Fala / SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755 - Atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. OUVIDORIA (caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito/a): 0800 770 1236 - Atendimento personalizado, de 2ª a 6ª feira, das 9h00 às 18h00, exceto feriados.

Banco Safra
Tradição Secular de Segurança



INSPIRADOS PELA MÚSICA CLÁSSICA.

O Credit Suisse mantém parcerias de longo prazo com as mais reconhecidas instituições culturais do Brasil.

Temos orgulho em apoiar a Sociedade de Cultura Artística.

credit-suisse.com